revista online de extensão e cultura
REALIZAÇÃO

CC BY NC SA

DOI 10.30612/realizacao.v11i22.19204
ISSN: 2358-3401

Submetido em 4 de Novembro de 2024
Aceito em 2 de Dezembro de 2024
Publicado em 20 de Dezembro de 2024

EDUCAÇÃO REMOTA NO ENSINO MÉDIO: IMPACTOS SUBJETIVOS E DA LINGUAGEM A PARTIR DA IMPOSIÇÃO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID19

REMOTE EDUCATION IN SECONDARY EDUCATION: SUBJECTIVE IMPACTS AND LANGUAGE ARISING FROM THE IMPOSITION OF TECHNOLOGICAL TOOLS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

EDUCACIÓN REMOTA EN LA EDUCACIÓN MEDIA: IMPACTOS SUBJETIVOS Y DEL LENGUAJE A PARTIR DE LA IMPOSICIÓN DE LAS HERRAMIENTAS TECNOLÓGICAS DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19

Midiã Pires*
Universidade Federal de Mato Grosso
Henrique de Oliveira Lee
Universidade Federal de Mato Grosso
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1266-0095

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado que investigou os efeitos subjetivos e linguísticos da educação mediada por tecnologia remota, imposta pela pandemia de COVID-19, em adolescentes do ensino médio. A pesquisa foi motivada por inquietações surgidas no contexto clínico, onde os adolescentes lidam com transformações pessoais e angústias típicas do desenvolvimento. Com o fechamento das escolas e a migração forçada para plataformas digitais, os desafios de promover uma educação efetiva em um ambiente virtual tornaram-se evidentes. O estudo, realizado com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), utilizou uma abordagem qualitativa e foi fundamentada pela psicanálise de orientação freud-lacaniana. As coletas de dados incluíram quatro oficinas em grupo, realizadas semanalmente, e entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes. A análise dos dados foi conduzida por meio da metodologia de análise do discurso, que permite investigar a produção de sentidos gerados pelos enunciados dos adolescentes em relação à educação mediada por tecnologia durante uma pandemia. A pesquisa revelou como os adolescentes nomearam seu sofrimento e lidaram com os impactos psíquicos causados pelas mudanças abruptas no formato de ensino. A partir de uma escuta psicanalítica, foi

*Autor para Correspondência: piresmidd@gmail.com

possível compreender a relação entre a linguagem. A subjetividade e o mal-estar gerado pela nova realidade educacional. Os resultados indicam que o discurso dos adolescentes reflete as tensões entre a língua e as ideologias subjacentes ao contexto pandêmico, destacando como a tecnologia influenciou suas experiências e sua forma de lidar com os desafios emocionais e educacionais impostos pela crise.

Palavras-chave: Adolescência, Educação, Psicanálise.

Abstract: This article presents the results of a master's research study that investigated the subjective and linguistic effects of technology-mediated education, imposed by the COVID-19 pandemic, on high school students. The research was motivated by concerns that emerged in the clinical context, where adolescents were grappling with personal transformations and typical developmental anxieties. With the closure of schools and the forced migration to digital platforms, the challenges of promoting effective education in a virtual environment became evident. The study, conducted with students from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso (IFMT), employed a qualitative approach and was grounded in Freud-Lacanian psychoanalysis. Data collection included four weekly group workshops and individual semi-structured interviews with the participants. Data analysis was carried out using discourse analysis methodology, which allows for the investigation of the meanings produced by the statements of adolescents regarding technology-mediated education during a pandemic. The research revealed how adolescents articulated their suffering and coped with the psychological impacts caused by the abrupt changes in the teaching format. Through a psychoanalytic listening approach, it was possible to understand the relationship between language, subjectivity, and the discomfort generated by the new educational reality.The results indicate that the discourse of adolescents reflects the tensions between language and the underlying ideologies of the pandemic context, highlighting how technology has influenced their experiences and their ways of coping with the emotional and educational challenges imposed by the crisis.

Keywords: Adolescence, Education, Psychoanalysis.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación de máster que indagó en los efectos subjetivos y lingüísticos de la educación mediada por tecnología remota, impuesta por la pandemia de COVID-19, en adolescentes de educación secundaria. La investigación fue motivada por inquietudes surgidas en el contexto clínico, donde los adolescentes enfrentaban transformaciones personales y angustias típicas del desarrollo. Con el cierre de las escuelas y la migración forzada a plataformas digitales, los desafíos de promover una educación efectiva en un entorno virtual se hicieron evidentes. El estudio, realizado con alumnos del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Mato Grosso (IFMT), utilizó un enfoque cualitativo y se fundamentó en la psicoanálisis de orientación freudiano-lacaniana. Las recolecciones de datos incluyeron cuatro talleres grupales, realizados semanalmente, y entrevistas semiestructuradas individuales con los participantes. El análisis de los datos se llevó a cabo a través de la metodología de análisis del discurso, que permite investigar la producción de sentidos generados por las enunciaciones de los adolescentes en relación con la educación mediada por tecnología durante una pandemia. La investigación reveló cómo los adolescentes nombraron su sufrimiento y lidiaron con los impactos psíquicos causados por los cambios

abruptos en el formato de enseñanza. A partir de una escucha psicoanalítica, fue posible comprender la relación entre el lenguaje, la subjetividad y el malestar generado por la nueva realidad educativa. Los resultados indican que el discurso de los adolescentes refleja las tensiones entre la lengua y las ideologías subyacentes al contexto pandémico, destacando cómo la tecnología ha influido en sus experiencias y en su forma de abordar los desafíos emocionales y educativos impuestos por la crisis.

Palabras clave: Adolescencia, Educación, Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta discussões oriundas de uma pesquisa de mestrado e aborda os efeitos das transformações educacionais mediadas pela tecnologia no ensino médio, especialmente durante a pandemia da Covid-19, que se refere ao mal-estar psíquico de adolescentes. A adolescência, reconhecida como uma fase de transição marcada por profundas mudanças físicas, emocionais e sociais, exige um olhar atento às ambiguidades e contradições que atravessam esses jovens. Neste estudo, buscamos compreender como o uso de plataformas digitais, imposto pela necessidade de distanciamento social, influencia a experiência escolar e a construção da subjetividade dos estudantes.

O foco central da pesquisa está na análise das vivências dos adolescentes em relação à educação mediada por tecnologias e como isso impactou suas expressões de mal-estar psíquico. A educação, tradicionalmente realizada de maneira presencial, foi repentinamente adaptada ao ambiente remoto, o que gerou uma série de desafios tanto para os alunos quanto para as famílias e a própria escola enquanto instituição.

A partir de uma perspectiva psicanalítica, foram investigados os efeitos subjetivos dessas mudanças, buscando escutar o discurso dos adolescentes, suas manifestações de angústia e as formas como se posicionam frente a essa nova realidade. A pesquisa também se propôs a articular o papel da escola na constituição da identidade dos jovens, destacando a importância do espaço escolar, tanto físico quanto simbólico, para o desenvolvimento da subjetividade.

Ao longo do estudo, explorou-se como a pandemia e o ensino remoto alteraram a dinâmica entre professores e alunos, a formação de vínculos emocionais e a prática dos rituais escolares, impactando diretamente o bem-estar emocional dos adolescentes.

1. A Adolescência e a Escola: Instituição e Subjetividade

Discutir a adolescência em sua complexidade requer uma compreensão profunda das instituições que moldam as relações humanas, sejam essas relações conscientes ou inconscientes. Desde o nascimento, fomos inseridos em contextos institucionais que regulam nossa convivência em sociedade, como a família, a religião e a escola. Essas instituições funcionam como "manual simbólico" de como devemos nos comportar e interagir, reproduzindo práticas que, muitas vezes, não estão visíveis, mas que são constantemente legitimadas e naturalizadas. Como observa Guirado (1997), as instituições não são fixas, e suas práticas podem variar de acordo com contextos históricos e culturais específicos.

A psicanálise também contribui para essa discussão, trazendo a noção de que não somos apenas produtos do meio, mas também coisas que internalizamos. Didier Anzieu (1993) fala da "pele psíquica", um conceito que explora como as influências culturais e institucionais, moldam a nossa identidade. Assim, desde o nascimento, internalizamos valores e normas que são transmitidas pelas instituições, o que molda nossa subjetividade e nosso comportamento.

Entre as principais instituições que atravessam a vida dos adolescentes, a escola ocupa um lugar central, tanto físico quanto simbólico. Ela é o espaço onde compartilhamos, conhecemos e passamos grande parte dos nossos primeiros 18 anos. A partir do século XVII, a escola como conhecemos hoje, emerge com a Revolução Industrial. O objetivo inicial era formar trabalhadores para as indústrias e educar a massa urbana para se tornarem cidadãos disciplinados e produtivos (Coimbra, 1989).

No entanto, a escola vai muito além da simples transmissão de conhecimentos teóricos. Ela estabelece rituais sociais simbólicos que moldam a construção da adolescência, ainda que este conceito também seja uma construção social. Como argumenta Han (2021), os rituais sociais representam valores e normas de uma comunidade e estruturam a vida de forma repetitiva e estável. No caso dos adolescentes, a escola é o espaço onde esses rituais sociais são instalados, o que influencia diretamente e de diferentes maneiras no processo de construção e formação da subjetividade.

Schmidt (1989) corrobora com a afirmação de que:

> A escola é uma instituição social, historicamente considerada, inserida numa certa realidade na qual sofre e exerce influência. Não é uma instituição neutra perante a realidade social. Deve-se organizar o ensino, para considerar o papel de cada indivíduo e de cada grupo organizado na sociedade. Sua função, portanto, é preparar o indivíduo proporcionando-lhe o desenvolvimento de certas competências exigidas pela vida social. É também dar-lhe

> uma compreensão da cultura e uma 'visão de mundo' e prepará-lo para a cidadania. […] Assim, a educação escolar é caracterizada por ser uma atividade sistemática, intencional e organizada — organizada no que diz respeito aos conteúdos, e sistemática no que se relaciona aos métodos que utiliza. (p. 12)

A escola, enquanto instituição, tem um papel que precisa ser considerado com ênfase, pois como dissemos no parágrafo anterior passamos uma parte bastante significativa de nossas vidas no espaço escolar e as relações, afetos e desafetos somados a rotina e regras institucionais são aspectos relevantes na formação da subjetividade dos adolescentes. Ao mesmo tempo em que se conservam e reproduzem normas sociais, a escola também é um espaço potencial de transformação e autonomia. Uma análise crítica das instituições que atravessam a vida dos adolescentes, como a escola, é fundamental para compreender como suas subjetividades são moldadas e como elas podem se desenvolver em direção a novas formas de ser e estar no mundo.

Guirado (1997) também aponta que as práticas educativas da escola são naturalizadas e dificilmente questionadas, como se fossem a única forma possível de ensino e educação, embora este último seja algo mais complexo que o transmitir de conhecimento atribuído a este espaço. Esse processo de naturalização ocorre de maneira institucional, legitimando os discursos e as práticas repetitivas que sustentam a estrutura escolar e influenciam profundamente a subjetividade dos adolescentes.

Pierre Bourdieu (1999) argumenta que o sistema escolar é um dos principais responsáveis pela reprodução das desigualdades sociais, legitimando as heranças culturais e sociais como se fossem naturais. Assim, a escola tende a conservar as estruturas sociais, perpetuando as divisões de classe. No entanto, autores como Pérez Gómez (2001) acreditam que a escola também pode ser um espaço de transformação social, rompendo com essa função reprodutivista e possibilitando novas formas de subjetividade e autonomia para os adolescentes.

1.1 O Sujeito Adolescente

> "Há uma criança e um eu mais crescido que coexistem e alternam de forma inesperada e imprevisível" RILKE 2020

No tópico anterior, discutimos brevemente a instituição escolar, um espaço que se revela tanto físico quanto simbólico, sendo fundamental na formação do sujeito adolescente. Como indivíduos, raramente refletimos profundamente sobre as etapas do desenvolvimento humano e suas implicações. Muitos de nós ingressamos na escola ainda

muito jovens, passando em média quatro horas diárias nesse ambiente, em constante interação com pessoas que acabam se tornando parte significativa de nossas vidas. Compartilhamos afetos, construímos laços e adquirimos conhecimento teórico. Do processo de alfabetização até a preparação para a vida adulta, a experiência escolar carrega em si significados derivados das interações vividas nesse espaço.

Para compreender o sujeito adolescente, é necessário atentar-se ao período da adolescência, o que demanda uma contextualização do termo, que aqui é entendido como uma fase específica do desenvolvimento humano, transcendendo apenas questões físicas. A adolescência, enquanto conceito, começa a tomar forma social a partir do século XIX, sendo etimologicamente associada à ideia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, ou seja, uma fase de transformação (PINTO, 2010). É uma etapa complexa e dinâmica, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, marcada por mudanças corporais que impactam diretamente a personalidade e a atuação do indivíduo na sociedade.

Calligaris (2000) descreve em seu livro "A adolescência", algumas características importantes, as quais, segundo ele, um adolescente inicialmente é alguém:

> 1. Que teve o tempo de assimilar valores mais banais e mais bem compartilhados na sociedade (por exemplo, no nosso caso: destaque pelo sucesso financeiro/social e amoroso/sexual); 2. Seu corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo o mundo; 3. Para que, nesse exato momento, a comunidade imponha uma moratória. (p.15).

É nesse período que a construção da identidade se intensifica, e a identificação com grupos de pares se fortalece para que essa identidade se consolide. Autores contemporâneos de diferentes áreas argumentam que o adolescente busca respostas para si mesmo por meio de relações e experiências. De diferentes perspectivas as afirmações corroboram com o que é possível constatar no dia a dia, que adolescentes costumam formar grupos de pares do mesmo sexo e com características semelhantes (como gostos, ideais, cultura e vestuário), projetando-se nos outros para melhor perceber sua própria imagem. Ele também enfatiza que a construção da identidade é profundamente influenciada pela cultura e sociedade na qual o indivíduo está inserido. Para o adolescente, a busca por essa identidade é uma das questões mais centrais e carregadas de ansiedade, manifestada pela necessidade de responder à pergunta: "Quem sou eu?".

Além disso, Halligan e Philips (2010) ressaltam que nesse período o adolescente começa a sentir responsabilidades, tanto em casa quanto na escola, sendo crucial uma articulação eficaz entre família e escola, especialmente quando surgem comportamentos desajustados. O processo de autonomia emocional, financeira e funcional envolve negociações que podem ser desafiadoras.

A adolescência é marcada por uma soma de mudanças físicas e psicológicas, frequentemente descritas como uma fase de crise. Essas transformações não se limitam ao campo fisiológico, mas também abrangem aspectos emocionais que podem deixar marcas profundas, com reflexos ao longo da vida adulta. A adolescência é uma fase também caracterizada por uma polaridade entre perdas e ganhos, lutos e aprendizagens, medos e novas experiências. O jovem perde a infância e o corpo infantil, ganhando um corpo adolescente, que traz consigo transformações e novas responsabilidades. Esse momento é marcado por uma postura contestadora e, ao mesmo tempo, por inseguranças.

O conceito de adolescência, segundo Coutinho (2009), foi criado pela cultura ocidental no final do século XIX, fortemente influenciado pela ética individualista romântica. Para ela, a adolescência é um fenômeno cultural, no qual cada sociedade lida com seus jovens de forma particular, articulada ao contexto histórico e sociocultural em que estão inseridos. A adolescência é, portanto, um produto típico da nossa civilização. Os limites cronológicos da adolescência variam de acordo com diferentes organismos internacionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a adolescência entre os 10 e 19 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) estabelece a faixa etária entre 15 e 24 anos para fins estatísticos e políticos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos, com algumas exceções que estendem esse limite até os 21 anos.

Freud 1905 identificou diferentes fases do desenvolvimento humano, que denominou de fases psicossexuais, abrangendo desde a infância até a vida adulta. Ele aponta que a adolescência surge no final do período de latência e no início da fase genital, um momento em que a pulsão sexual se intensifica e o adolescente enfrenta mudanças profundas, tanto físicas quanto emocionais. Segundo Alberti (1996), essa fase de renúncia e transformação envolve a percepção do outro e de si, constituindo uma etapa de grande intensidade emocional. Na adolescência podemos experimentar sentimentos e emoções com as quais não conseguimos lidar e até mesmo nomear.

> [...] incertezas sobre as fronteiras entre o Eu psíquico e o Eu corporal, entre o Eu realidade e o Eu ideal, entre o que depende do Self e o que depende do outro, bruscas flutuações destas fronteiras, acompanhadas de quedas na depressão, indiferenciação das zonas erógenas, confusão das experiências agradáveis e dolorosas, não distinção pulsional que faz sentir a emergência de uma pulsão como violência e não como desejo, vulnerabilidade à ferida narcísica devido à fraqueza ou às falhas do envelope psíquico, sensação difusa de mal-estar, sentimento de não habitar sua vida, de ver de fora funcionar seu corpo e seu pensamento, de ser espectador de algo que é e que não é sua própria existência (Anzieu, 1985, p. 8).

A adolescência, portanto, configura-se como um período de intensas transformações e desafios, tanto no plano físico quanto emocional. O sujeito adolescente, ao lidar com essas mudanças, busca respostas para questões identitárias e sociais, enfrentando conflitos internos que muitas vezes se manifestam em seu comportamento externo. Calligaris (2000) descreve essa fase como um momento de assimilação de valores sociais e culturais, bem como de confronto com as expectativas impostas pela sociedade. É, portanto, uma fase crucial para o desenvolvimento da autonomia e da identidade. Por fim, Dolto (2004) aponta que a adolescência não tem um início cronológico exato, sendo uma fase de mutação contínua e dinâmica, na qual o jovem é sensível ao olhar e às palavras dos outros, buscando construir sua posição no mundo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia de uma pesquisa se inicia antes mesmo de sua execução no campo, embasada por leituras e experiências anteriores que moldam e orientam o processo investigativo. A pesquisa desenvolvida está vinculada ao Projeto de Extensão do Grupo de Pesquisa em Psicanálise, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, a investigação foi realizada no Instituto Federal de Mato Grosso, com estudantes do ensino médio, no período de setembro a dezembro de 2022.

O percurso metodológico foi delineado a partir da estruturação de objetivos que nortearam a pesquisa. Após a aprovação inicial no Programa de Pós-Graduação, os objetivos foram reformulados e organizados para submissão na Plataforma Brasil, cumprindo os requisitos éticos e legais estabelecidos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE n.º 58633522.0.0000.5690), atendendo às diretrizes da Resolução 466/12 e aos princípios do Código de Ética Profissional do Psicólogo, respeitando todos os aspectos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos.

Com a autorização da instituição de ensino e a aprovação pelo comitê de ética, iniciou-se o contato com o público-alvo. Os estudantes do ensino médio foram convidados a participar da pesquisa por meio de uma carta convite enviada via e-mail, com a intermediação do setor de Psicologia Escolar do Instituto. Ao todo, foram enviadas cartas a 102 alunos indicados pela coordenação de apoio psicológico, obtendo-se sete respostas positivas. Esse número, embora condizente com o proposto para a amostra, levantou reflexões sobre as barreiras impostas pelo formato de convite e as especificidades de pesquisa com adolescentes.

A coleta de dados foi realizada por meio de quatro oficinas em grupo e entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes. O público-alvo foi composto por adolescentes entre 15 e 18 anos, que apresentaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (ALE), assinados pelos próprios estudantes, seus responsáveis legais e pela pesquisadora.

Os encontros ocorreram presencialmente no Instituto Federal de Mato Grosso, seguindo todos os protocolos de saúde estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde. As oficinas foram realizadas em um espaço reservado (laboratório de saúde) e se basearam na análise do discurso com orientação psicanalítica, metodologia que considera a linguagem não apenas como expressão, mas como estrutura que organiza o sujeito em relação à cultura e ao inconsciente.

A proposta de realizar oficinas com adolescentes surgiu a partir de leituras e experiências que permitiram observar a dinâmica do coletivo, abordando temas comuns que os atravessam. O objetivo das oficinas foi promover uma reflexão mais profunda por parte dos estudantes, com o pesquisador atuando como facilitador do diálogo, instigando questões e ouvindo os participantes. A dinâmica das oficinas se baseou em um ambiente de escuta e troca, onde os adolescentes foram protagonistas das discussões.

As oficinas, com duração de 45 a 50 minutos, aconteceram no contraturno das aulas, em uma sala organizada em círculo. O material utilizado incluiu folhas de papel e balões. O processo foi dividido em quatro encontros com os seguintes temas geradores:

Vamos conversar? No primeiro encontro, os participantes se apresentaram e discutiram as regras do grupo, como respeito às diferenças e participação ativa. A pesquisadora explicou o objetivo da pesquisa e os participantes assinaram os termos de consentimento. A partir disso, foi realizada uma reflexão sobre as experiências vividas durante a pandemia, com destaque para o impacto emocional da quarentena.

Talvez você queira falar sobre isso: Foi proposta uma dinâmica de grupo com balões, onde cada participante refletiu sobre seus sentimentos, tanto negativos quanto positivos. Essa atividade ajudou a explorar o mal-estar psíquico dos adolescentes e a importância de compartilhar sentimentos.

O que aconteceu? Durante esta etapa, os estudantes falaram livremente sobre as dificuldades e benefícios do ensino remoto durante a pandemia, em um espaço de escuta aberta e reflexiva.

Escola e Adolescência. O último encontro foi focado na relação entre a escola e o fenômeno da adolescência, onde os participantes compartilharam suas percepções sobre o impacto da escola no seu desenvolvimento emocional e social.

Além das oficinas em grupo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos efeitos subjetivos da pandemia no mal-estar psíquico dos adolescentes. As entrevistas seguiram um roteiro que incentivava a associação livre e foram gravadas para análise posterior.
Ao longo de todo o processo, a pesquisadora acompanhou de perto o desenvolvimento dos adolescentes, utilizando a escuta ativa e uma abordagem psicanalítica para compreender os impactos das transformações educacionais mediadas pela tecnologia durante a pandemia.

A análise dos dados foi dividida em duas etapas: (1) organização do material coletado nas oficinas de grupo e (2) análise do discurso dos participantes, tanto nas oficinas quanto nas entrevistas individuais. A metodologia de análise discursiva de orientação psicanalítica permitiu compreender os significados e sentidos atribuídos pelos adolescentes, utilizando categorias que localizam os discursos em seus contextos específicos — quem diz, o que é dito, por que e para quem.

Dunker, Paulon e Ramo (2016) ressaltam que a análise do discurso fornece materialidade ao método psicanalítico, ao interpretar a linguagem além de seu enunciado direto, desvendando a estrutura inconsciente que a sustenta. Essa abordagem se mostrou particularmente útil para a compreensão dos impactos psicológicos decorrentes das transformações educacionais mediadas pela tecnologia remota e o desenvolvimento da autonomia adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dois pontos se destacaram ao longo desta pesquisa. O primeiro foi a temática: investigar a adolescência e os impactos da educação remota durante um dos períodos mais críticos da contemporaneidade foi um desafio, mas também uma oportunidade para novas interpretações sobre os efeitos dessa fase do desenvolvimento. O segundo ponto refere-se à escolha metodológica, que se revelou fundamental para a qualidade dos resultados.

A análise do discurso demonstrou ser uma ferramenta importante na investigação acadêmica, oferecendo possibilidades de identificar e compreender aspectos de como a linguagem é moldada por contextos sociais, culturais, políticos e históricos.

Este método permitiu observar as relações de poder, normas e valores presentes nas interações dos adolescentes, evidenciando como constroem suas identidades individuais e sociais. Além disso, a análise do discurso permitiu captar as nuances emocionais e os significados subjacentes na fala dos adolescentes, fornecendo uma compreensão mais rica de como eles se veem e se posicionam em relação aos grupos e normas sociais.

A Subjetividade Adolescente e os Discursos Institucionais

É importante considerar como os discursos institucionais da escola afetam a subjetividade dos adolescentes. A escola não é apenas um local de aprendizagem, mas também um espaço de disciplinarização de corpos e mentes. Guirado (1997) destaca que a fala da escola ocorre por uma "ordem discursiva" que antecede com o sujeito e o insere em uma rede de significados que moldam a sua subjetividade.

Michel Foucault também contribui para essa discussão ao explorar como as instituições exercem controle sobre os corpos e mentes através do discurso. A escola, nesse sentido, é uma das principais instituições que regulam e disciplinam o comportamento dos adolescentes, moldando as suas identidades e subjetividades a partir de normas e expectativas sociais que muitas vezes não são explicitamente discutidas.

O modelo tradicional de ensino, que durante décadas foi baseado em divisões por faixas etárias, metodologias uniformes e salas de aula padronizadas, foi desafiado pela pandemia de COVID-19. O distanciamento social imposto pela pandemia forçou uma revisão dos métodos de ensino, abrindo espaço para novas formas de aprendizagem. Cabe destacar que o processo de ensino aprendizagem passa constantemente por mudanças, ainda que nem todas sejam tão brusca quanto as impostas pelas restrições pandêmicas, mas de todo modo apontam para a necessidade de uma didática que incorpore

conhecimentos culturalmente significativos que circulam pelos diversos meios da sociedade, mas que ainda não penetram aprimoram no espaço escolar.

Essa nova realidade também trouxe à tona a importância de se pensar na escola como um espaço de conexão entre diferentes instituições e discursos, onde os adolescentes aprendem teorias e constroem sua subjetividade enfrentando os desafios do mundo contemporâneo.

A análise dos casos discutidos, resultados de uma pesquisa desenvolvida com adolescentes, revela também o impacto profundo que a família exerce no desenvolvimento emocional e social dessa faixa etária, embora não tenha sido o foco principal das investigações. As relações familiares, especialmente as construídas na infância, influenciam como os adolescentes percebem a si mesmos, seus padrões de comportamento e a maneira como enfrentam desafios emocionais.

Na perspectiva da psicanálise, a transferência emocional — projeção de sentimentos inconscientes em outras pessoas — ganha destaque. Durante a adolescência, essas transferências, inicialmente ligadas aos pais e à família, podem se estender para outros relacionamentos, como com amigos e professores. A adolescência é um período de busca por identidade e independência, e a relação familiar cria um equilíbrio delicado entre autonomia e a necessidade de apoio emocional.

Os irmãos, como observado nos casos de dois participantes, também desempenham um papel significativo. Segundo Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), os irmãos formam um "subsistema fraterno" que contribui tanto para a harmonia quanto para a desarmonia familiar. Esse vínculo fraterno, que é intensificado na adolescência, molda as habilidades sociais, a personalidade e as interações interpessoais, funcionando como um "laboratório" para os relacionamentos fora da família.

A ausência da figura paterna, mencionada por diversos participantes, têm um impacto significativo no desenvolvimento emocional e na formação da identidade. De acordo com a teoria do complexo de Édipo de Freud, a relação com o pai é fundamental para a internalização de valores e normas sociais. A falta de uma figura paterna pode resultar em problemas emocionais, como baixa autoestima e dificuldades nas relações interpessoais. A ausência do pai ou de uma figura de apoio pode contribuir para sentimentos de abandono, intensificados pela dificuldade dos professores em acompanhar de perto os alunos durante a pandemia.

Além dos pais, os professores também ocupam um lugar de destaque no desenvolvimento dos adolescentes. Eles podem servir como modelos de comportamento

e oferecer suporte emocional, contribuindo para a formação de habilidades de comunicação e ética de trabalho. Na teoria psicanalítica, os professores são frequentemente vistos como figuras de "suposto saber", conforme explorado por Lacan. Isso sugere que os adolescentes atribuem aos professores uma posição de autoridade e detenção de conhecimento.

Outro ponto relevante é o papel da sexualidade na adolescência. A psicanálise, com base em Freud, Klein, Winnicott e Lacan, sugere que esse período é marcado por conflitos e descobertas relacionadas à identidade sexual. Os adolescentes começam a vivenciar sentimentos e impulsos sexuais que podem gerar confusão e angústia. A falta de espaços seguros para discutir essas questões, como relatado por alguns participantes, agrava essa situação. Lacan também afirma que a sexualidade na adolescência passa pelos registros do real, simbólico e imaginário, o que torna essa fase ainda mais complexa.

Por fim, as redes sociais, amplamente utilizadas durante a pandemia, têm um papel ambivalente. Elas facilitam a manutenção de conexões emocionais e sociais em um período de isolamento, mas também apresentam riscos, como o uso excessivo e o impacto negativo na autoestima dos adolescentes. O acompanhamento adequado por parte dos adultos é essencial para equilibrar os benefícios e os riscos associados ao uso dessas plataformas. Portanto, a análise dos casos confirma que as dinâmicas familiares, a presença de figuras de autoridade e a vivência da sexualidade são fundamentais no desenvolvimento dos adolescentes, especialmente em tempos de crise, como a pandemia.

CONCLUSÃO

Participar de pesquisas com adolescentes no ambiente escolar exige uma abordagem cuidadosa e meticulosa, tanto na preparação do trabalho de campo quanto na escolha dos métodos e procedimentos para a coleta de dados. Esse tipo de pesquisa demanda não apenas a aplicação de técnicas rigorosas, mas também uma imersão do pesquisador no contexto vivido pelos jovens, garantindo um controle constante do processo interpretativo. Esse controle visa evitar distorções ou preconceitos que possam comprometer a leitura da realidade social dos participantes, preservando a fidelidade à sua experiência.

A utilização de oficinas em grupo, com a mediação do pesquisador, é uma estratégia que oferece aos adolescentes a oportunidade de orientar a discussão, enquanto o pesquisador intervém de forma pontual e reflexiva. Essa metodologia permite uma

abordagem mais sensível aos temas tratados, pois os adolescentes se tornam protagonistas do processo, e o pesquisador se mantém atento às dinâmicas discursivas. Aliada a isso, a análise do discurso se apresenta como uma metodologia poderosa, permitindo ao pesquisador acessar as camadas mais profundas dos significados expressos pelos jovens, sem cair em interpretações superficiais.

O mesmo rigor e cuidado metodológico foram aplicados nas entrevistas semiestruturadas individuais, realizadas com os estudantes. Essas entrevistas foram analisadas a partir de uma escuta clínica psicanalítica, fundamentada na análise do discurso. Essa abordagem permite que se capturem as sutilezas emocionais e psíquicas presentes nas falas dos adolescentes, e também como eles se posicionam frente às suas próprias experiências e ao mundo ao seu redor.

Na realização dessa pesquisa, duas questões se destacaram. A primeira está relacionada ao tema abordado: investigar a adolescência e como ela é impactada pela educação remota durante a pandemia revelou-se tanto um desafio quanto uma oportunidade para explorar as novas formas de afetação dos jovens em um dos períodos mais turbulentos da atualidade. A segunda questão foi a escolha da metodologia de análise do discurso, que se mostrou uma ferramenta crucial para a compreensão das dinâmicas linguísticas dos adolescentes.

A análise do discurso é uma metodologia que permite aos pesquisadores compreender como a linguagem é moldada pelos contextos sociais, culturais, políticos e históricos nos quais os indivíduos estão inseridos. No caso da adolescência, essa abordagem oferece uma janela para observar como os jovens constroem suas identidades e como se posicionam em relação às normas e valores de seu contexto social. A linguagem dos adolescentes, muitas vezes carregada de nuances emocionais, reflete seus estados psíquicos e suas relações com os outros, seja no ambiente escolar, familiar ou social.

Através da análise do discurso, podemos identificar os temas que são mais significativos para os adolescentes e como esses temas se conectam às suas experiências de vida. A linguagem revela as relações de poder, as dinâmicas de gênero, classe social e outros aspectos que influenciam a maneira como os adolescentes se percebem e se posicionam no mundo. Essa abordagem também nos permite compreender melhor como os adolescentes expressam suas emoções, lidam com suas inseguranças e constroem suas visões de mundo.

A análise do discurso não se limita apenas ao estudo das palavras, mas também das ideologias e representações subjacentes nas falas dos adolescentes. Através dessa

metodologia, o pesquisador pode perceber como as normas sociais e culturais são internalizadas pelos jovens e como eles negociam essas normas em suas interações. Além disso, a análise do discurso pode fornecer pistas sobre os valores que os adolescentes consideram importantes e como esses valores se refletem nas suas falas e ações.

Em suma, ao compreender a linguagem dos adolescentes através da análise do discurso, o pesquisador pode criar um espaço de diálogo empático e respeitoso, promovendo uma comunicação mais eficaz e profunda. Essa metodologia ajuda a abrir canais de compreensão que são essenciais para uma pesquisa sensível e respeitosa, permitindo que os jovens se expressem de forma autêntica e que o pesquisador compreenda a complexidade de suas experiências e sentimentos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1996.

_____. O adolescente e o Outro. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ANZIREU, Didier**.** *Teoria geral do processo*. 3. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1993.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Portaria Ministerial nº 438, de 28 de maio de 1998. Institui o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Diário Oficial da União, Brasília: Ministério da Educação (MEC),1998.

BRASIL.Leinº11.892, de 29 dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

_____. Portaria SETEC nº 376, de 3 de abril de 2020, dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - COVID-19. Disponível em < https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=66&data=0604/2020>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 01 de junho de 2020, dispõe sobre diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do COVID-19. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145

011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 02 de junho de 2021.

BRASIL. Política Nacional de prevenção da automutilação e do suicídio,2020

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: **Publifolha**, 2000

COIMBRA, C. M. B. As funções da instituição escolar: análises e reflexões. **Psicologia: ciência e profissão**, 1989.

COUTINHO, L, G. A adolescência e a errância, destinos de laço social contemporâneo. **NAU**. 2009.

DOLTO, F. Tudo é Linguagem, 1999. Tradução: Luciano Machado, Edit. Martins Fontes, São Paulo, SP, 1998.

DUNKER, C.; PAULON, S. S.; RAMO, M. A. A psicologia na educação: práticas e desafios. 1. ed. São Paulo: **Editora UNESP**, 2016.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas. Christian Ingo Lenz Dunker, Clarice Pimentel Paulon, José Guillermo MilánRamos. 1. ed. São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, C. I. L. Os 27 + 1 erros mais cometidos de quem quer escrever uma tese em psicanálise. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, v. 20, 2010.

FREUD, S. Algumas Reflexões Sobre a Psicologia do Escolar. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: **Imago Editora**, 1990 [1914]. Volume 13.

_____. La dinâmica de la transferência. Obras Completas. Madri, **Biblioteca Nueva.** 1981 [1912]. Vol. II.

_____. O mal-estar na civilização. São Paulo: **Penguin Classics/Companhia das Letras**, 1930/2011.

_____. Romance Familiar do Neurótico. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (v. IX, p. 281-302). Rio de Janeiro: **Imago**. 1976. (Texto original publicado em 1903-1909).

_____. O futuro de uma ilusão (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) (1927). Rio de Janeiro: **Imago**, 1976.

_____Conferencias Introdutórias à Psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. vol. 13. Rio de Janeiro: **Imago Editora**. (1916/1917).

1999.

_____. “Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos”. In: _____. Obras completas, edição standard brasileira, Rio de Janeiro**: Imago**, (1905). 2006.

_____. A Dinâmica da Transferência. In Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. XII. Rio de Janeiro: **Imago**. (Trabalho original publicado em 1912). 1974.

GUIRADO, M. A análise Institucional do Discurso como Analítica da Subjetividade. 1997.

GOLDSMID, R; FÉRES-CARNEIRO, T. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão**. Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007.

HALLIGAN, Peter; PHILIPS, Judith. The psychology of emotion: a reader. New York: **Wiley-Blackwell**, 201

HAN, B. Do Desaparecimento dos Rituais uma topologia do presente. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: **Vozes**, 2021.

_____. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: **Vozes**, 2018.

_____. Não- Coisas reviravoltas do mundo da vida. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: **Vozes**, 2022.

PÉREZ GOMEZ, A. I. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: **Artmed**, 2001.

SCHMIDT, Robert L. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: **Editora Cengage Learning**, 1989.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020.